



# O PENSAMENTO GEOPOLÍTICO DO GENERAL MEIRA MATTOS

Phillip L. Kelly

O interesse pela geopolítica nos Estados Unidos arrefeceu após a Segunda Guerra Mundial, em consequência da *geopolitik* dos estrategistas hitlerianos<sup>1</sup> e só recentemente voltou a despertar.<sup>2</sup> Entretanto, o assunto conservou sua influência e vitalidade no Cone Sul da América do Sul — particularmente na Argentina — no Chile e no Brasil, onde a predominância de governos militares, a distância em relação aos Estados Unidos e os problemas nacionais particulares encorajam soluções geopolíticas tradicionais. Entre esses países latino-americanos, a geopolítica do Brasil é a mais desenvolvida e difundida.

A tendência brasileira de associar a geografia à política tem origem em uma série secular de geopolíticos ilustres,<sup>3</sup> incluindo o Ba-

rão do Rio Branco, Mário Travassos, Everardo Backheuser, Golbery do Couto e Silva e Carlos de Meira Mattos, este último representando o mais recente e principal colaborador deste modelo coerente e integrado de pensamento político. Em virtude do conceito que desfruta junto aos altos escalões do Governo brasileiro, Meira Mattos é hoje considerado por muitos, tanto na América Latina como nos Estados Unidos, como a mais destacada autoridade em geopolítica na América do Sul.

As obras de Carlos de Meira Mattos parece terem sido fortemente influenciadas por dois fatores principais: de um lado, a posição geográfica do Brasil e as reações dos citados teóricos desta posição; de outro, sua participação no grupo da Sorbonne do Exército brasileiro.

Em termos de posição geográfica, o Brasil é a potência dominante no Atlântico Sul e do continente sul-americano. Sua fronteira marítima, cujo saliente aponta na direção da África, se estende por 7.400 quilômetros, desde acima da foz do Amazonas até o limite sul com o Uruguai. Internamente, a fronteira de 15.500 quilômetros liga o Brasil a todos os países da América do Sul, exceto o Chile e o Equador, e inclui uma vasta área, largamente subdesenvolvida, de suas regiões ocidental e setentrional. Em 1977, o Brasil era o quinto maior país do mundo em superfície, o sexto em população e o décimo em produção econômica. Estes impressionantes dados estatísticos indicam realmente uma grande potência mundial — tema que tem sido vigorosamente defendido por brasileiros através de quase todo o século XX e realçado por Meira Mattos em seus trabalhos geopolíticos.

A despeito, porém, desses dados, o Brasil enfrenta sérios empecilhos. Faltam ao país consistência social e desenvolvimento geográfico, estando sua riqueza concentrada na classe empresarial e na dos novos tecnocratas, nos grandes centros populacionais de São Paulo e do Rio de Janeiro. O nordeste continua mergulhado na pobreza e alienado; a Amazônia ocidental, despovoada e inexplorada. Conseqüentemente, ao longo da história nacional, a orla marítima permanece dependente das comunicações oceânicas; a selva amazônica continua subdesenvolvida e isolada da costa, oferecendo oportunidade

para invasões estrangeiras ou insurreições internas.

Um dos principais temas geopolíticos brasileiros tem sido prescrever certas políticas visando a reduzir tais empecilhos.<sup>4</sup> Por exemplo: a melhor solução para fronteiras não ocupadas e desprotegidas pode ser encontrada, quando alegam esses teóricos, "marcha para o oeste", a fim de povoar e desenvolver o interior abandonado, bem como controlar o "triângulo mágico" formado pelas cidades bolivianas de Santa Cruz, Sucre e Cochabamba, que referidos teóricos consideram como a região chave, o coração da América do Sul. Todavia, o povoamento das fronteiras e o controle do triângulo boliviano deve ser encarado um antagonismo natural contra o Brasil de parte da Argentina, do Peru e da Venezuela — situação que representa significativa ameaça externa à nação.

Além de atentar para a segurança contra a fragmentação interna e para o cerco hispano-americano, aqueles geopolíticos argumentam que a manutenção do comércio marítimo brasileiro e das comunicações com o mundo exterior apresenta fator vital para a sobrevivência do país. Objeto de particular cuidado é a proteção de "pontos de estrangulamento" e rotas estratégicas oceânicas: o Corredor do Atlântico Médio (a passagem Belém—Dacar para o norte da África), o cabo sul-africano da Boa Esperança, que permite o acesso brasileiro ao petróleo do Golfo Pérsico, e os Estreitos de Magalhães—Terra do Fogo, a rota marítima

segura para o Pacífico.<sup>6</sup> Nestes dois últimos casos, a Antártica tomou uma importância crescente para o Brasil, porque o país se situa adjacente àquelas zonas de estrangulamento e as necessidades de segurança do Atlântico Sul exigem uma presença naval mais poderosa na área.

Todos os geopolíticos brasileiros encaram os Estados Unidos como um importante aliado estratégico, uma vez que os dois países participam de interesses geopolíticos comuns na preservação dos estados americanos contra ameaças extracontinentais à sua segurança e ideologia. Do mesmo modo, ambos são considerados como nações atlânticas, cada uma com necessidades estratégicas similares para manter equilíbrios de poder favoráveis na África Ocidental e na Europa Ocidental, respectivamente. Embora o Brasil não tenha acesso imediato ao Pacífico, seus estrategistas consideram a extensão continental e a projeção marítima do país como reflexos de posições mantidas por seu aliado do norte.

Além destas considerações geopolíticas tradicionais, outra significativa influência no pensamento de Meira Mattos é consequente de seus laços profissionais com o grupo da Sorbonne dentro do Exército brasileiro. Esta facção moderada — uma minoria de respeitados intelectuais, única nos meios militares latino-americanos — é distinguida pelas seguintes características: experiência com a Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial,

que combateu com distinção na Itália e foi atraída pela democracia e pelo sistema de livre empresa dos Estados Unidos, além de repulsa ao fascismo de Mussolini; participação como membro do Corpo Permanente ou conferencista da Escola Superior de Guerra (ESG) a "escola que modificou o Brasil" em virtude de seu papel como uma escola militar de estado-maior, um centro de estudos e problemas nacionais;<sup>7</sup> e cursos de aperfeiçoamento nos Estados Unidos ou na França. Além disso, os "intelectuais" da Sorbonne foram os primeiros alunos de suas turmas nas escolas militares, detêm posições no ramo tecnicamente avançado da artilharia do Exército e servem com destaque nos estados-maiores.

Embora atípicos dentro das Forças Armadas do Brasil, os oficiais da Sorbonne constituíram o núcleo do primeiro governo militar, após a Revolução de 1964, sob a chefia do General Humberto Castelo Branco, porque somente esse grupo possuía orientação coerente para dirigir o país e uma liderança respeitada capaz de implementar planos já elaborados pela ESG para o desenvolvimento nacional. Incapazes de consolidar essa posição, os moderados entregaram o poder à facção da "linha dura" em 1969, mas conservaram sua influência em todos os governos subsequentes, particularmente no atual, do Presidente Figueiredo.

Esses oficiais do grupo da Sorbonne "internacionalistas liberais", formularam as seguintes premissas políticas básicas:<sup>8</sup>

— a democracia é um estilo de política mais “civilizado” do que o autoritarismo;

— o capitalismo e o setor privado podem criar uma nação fisicamente poderosa, mais eficazmente que qualquer outro sistema econômico, incluindo forte confiança do setor público;

— deve ser evitado o nacionalismo emocional e exagerado; é preferível o racional planejamento governamental elaborado por autoridades centrais, visando a reforçar as soluções para o desenvolvimento, com ênfase nos setores comerciais e industriais privados;

— os militares demonstraram competência em dirigir as estratégias do desenvolvimento nacional; e

— a segurança nacional depende do desenvolvimento e do poder nacionais, ligando o grupo da Sorbonne à análise geopolítica dos pensadores tradicionais citados acima.

Nascido em São Paulo em 1913, Meira Mattos concluiu o curso da Academia Militar das Agulhas Negras em 1936 e, como jovem oficial, serviu em diversas guarnições do Exército, antes de ser enviado para a Itália, integrando a Força Expedicionária Brasileira — um fato que o colocou solidamente na facção da Sorbonne. Entre suas principais comissões, destacam-se: adido militar na Bolívia, interventor federal no Estado de Goiás (1964), comandante do contingente brasileiro da Força Interamericana de Paz enviada para São Domingos (1964), Chefe da Divisão de Assuntos Políticos da ESG, Co-

mandante da Polícia Militar de Brasília (1966), Vice-Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Vice-Diretor do Colégio Interamericano de Defesa em Washington D.C., Comandante da Academia Militar (1969) — cujo currículo Meira Mattos reviu à luz da doutrina da ESG, para ajustá-lo às linhas da filosofia do grupo da Sorbonne — e Inspetor Geral da Polícia Militar (1970). Meira Mattos foi promovido a General-de-brigada em 1968 e a General-de-divisão em 1973. Ronald Schneider cita o General como amigo íntimo e “assessor militar chave” do Presidente Castelo Branco e como “um oficial que recebeu pelo menos uma delicada missão (política) durante cada um dos quatro anos” do mandato do Presidente.<sup>9</sup>

Considerado um “instrutor de tática altamente respeitado” e um “escritor prolífico”, Meira Mattos foi mencionado por Fontaine como responsável por ligar tradições geopolíticas ao grupo da Sorbonne: “O General Meira Mattos prosseguiu do ponto onde os geopolíticos teóricos geralmente se detêm. Meira Mattos... estabeleceu os fundamentos da posição dos oficiais moderados em uma série de livros e artigos publicados sob os auspícios do Exército.”<sup>11</sup> Entre seus trabalhos, os de maior influência geopolítica são: *Projeção Mundial do Brasil* (1960), *Doutrina Política da Revolução de 31 de Março de 1964* (1967), *Brasil — Geopolítica e Destino* (1975 e 1979), *A Geopolítica e as Projeções do Poder* (1979) e *Uma Geopolítica Pan-Americana* (1980).

Seus numerosos artigos foram publicados principalmente em *A Defesa Nacional*, *Estratégia* (Argentina), *Boletim Geográfico*, *Revista Brasileira de Política Internacional* e *Revista del Colegio Inter-Americano de Defensa*.

Os trabalhos de Meira Mattos são representativos da escola "realista" da política internacional e é dentro desse modelo que ele enquadra suas diretrizes geopolíticas para o Brasil. De acordo com os ditames do realismo político, o conflito mundial caracteriza transações internacionais.<sup>12</sup> Pelo fato de não existir harmonia de interesses entre os estados nem probabilidade de ser alcançada, não é possível haver um mundo pacífico, exceto onde as disputas e os conflitos possam ser, pelo menos em grande escala, reprimidos pela violência e transferidos para o domínio da política do poder. Pois que é no poder que as nações encontram segurança neste ambiente de ameaças internacionais.

A mais recente dessas ameaças, assinalada por Meira Mattos, é o expansionismo soviético, um perigo aparentemente originário tanto da ideologia comunista como do imperialismo russo, embora o autor não concentre sua análise, pelo menos detalhadamente, no bloco soviético.<sup>13</sup> Outras ameaças mais imediatas, não intimamente ligadas à da Rússia, incluem as expostas fronteiras do Brasil, sua instabilidade política e suas debilidades sócio-econômicas. Na solução destes problemas, o bem-estar do Brasil depende essencialmente do desenvolvimento nacional — um te-

ma que o autor acentua clara e repetidamente. Somente através do desenvolvimento e do poder que esse desenvolvimento propicia poderão ser preservados a segurança e o progresso da nação. Nesse sentido, conseqüentemente, desenvolvimento e poder são meios visando à obtenção da segurança nacional.

O poder é definido pelo General como "a capacidade de alguém impor sua vontade sobre outrem", tanto psicológica como fisicamente, e este conceito é ampliado para incluir uma cuidadosa contribuição das possibilidades do poder brasileiro em relação ao de outros grandes estados. A avaliação do poder nacional relativo é feita por Meira Mattos utilizando a seguinte fórmula:

$$P_p = (C+E+M) \times (S+W+P)$$

onde:

$P_p$  = poder perceptível dos estados

$C$  = massa crítica — população e território

$E$  = capacidade econômica

$M$  = capacidade militar

$S$  = conceito estratégico adotado por um estado

$W$  = vontade nacional

$P$  = capacidade para persuadir ou convencer

Preenchidos os dados, o Brasil aparece em 6º lugar como potência mundial, atrás da União Soviética, Estados Unidos, Alemanha Ocidental, França e China. Considerado o conjunto conceito estratégico—vontade nacional—capacidade persuasiva, o Brasil se coloca em segundo lugar, passando para o oitavo se computado apenas o pri-

meiro grupo de indicadores, principalmente em virtude de sua relativamente baixa força econômica. Meira Mattos sustenta que sua nação é "uma potência emergente" que, como a China, apresenta as melhores chances de atingir o *status* de grande potência, ao final do presente século, perdendo apenas para as duas superpotências.<sup>15</sup>

O conflito entre moralidade e o uso do poder — uma crítica dirigida contra os realistas — é consistentemente tratada por Meira Mattos, que prefere o poder à moralidade. Embora "poder e moralidade sejam inseparáveis e, conseqüentemente, devam ser considerados pelos estadistas... todavia, dos dois, o poder é preferível". Entretanto, ele ressalva que "os fins não justificam os meios" e que "a interdependência entre os princípios da ética e o exercício do poder obriga o estadista a empenhar-se em um processo de contínua avaliação".<sup>16</sup>

A luz dessas idéias, Meira Mattos apóia firmemente os processos democráticos, argumentando que:

*Nas sociedades livres, abertas, predominam os instrumentos de persuasão, baseados na convicção, na participação espontânea, no sentimento de obrigação social e de cidadania; nas sociedades totalitárias, fechadas, ocorrem geralmente os instrumentos de coerção e de revitalização dos mitos carismáticos.*<sup>17</sup>

Em outro trecho ele associa a democracia ao desenvolvimento e postula um objetivo final para

uma "sociedade democrática brasileira desenvolvida, estável e feliz".<sup>18</sup>

Todavia, associadas a esses sentimentos democráticos, estão suas restrições de que liberdade e desenvolvimento devem ser acompanhadas de autoridade. O General escreve, por exemplo: "É necessário utilizar moderada autoridade para estimular a modernização da sociedade brasileira."<sup>19</sup> Afirma também: "De um ponto de vista militar, uma vez que enfrentamos inevitável competição internacional, devemos medir a força de contenção necessária para garantir a tranquilidade de nosso desenvolvimento."<sup>20</sup> Em um assunto relacionado com este, Meira Mattos acentua a importância de elites criativas e enérgicas, das quais as futuras civilizações irão depender.<sup>21</sup>

Desenvolvimento, afirma Meira Mattos, "é a componente axial da revolução (de 1964)" e resulta da modernização de setores nacionais tais como tecnologia, benefícios sociais, participação dos cidadãos, produção industrial, eficiência do governo e integração do território nacional. Com a confiança que se nota em seus artigos, o General reafirma que o Brasil possui os recursos, a vontade do povo e a liderança necessária para "situar-se entre as mais prósperas e poderosas nações do universo" no ano 2000 — a histórica "convocação nacional para a grandeza".<sup>22</sup>

Todavia, o onipresente tema do poder predomina nos trabalhos de Meira Mattos e acentua a importância do desenvolvimento para a consecução dos objetivos nacio-

nais do Brasil, uma vez que desenvolvimento leva ao poder e sem poder "uma sociedade se torna um corpo inerte, sem vontade, incapaz de satisfazer sua própria razão de ser (ou) que é sua contínua evolução". E quanto maiores as "aspirações e necessidades do Brasil, maior a falta de poder para atendê-las".<sup>23</sup>

Em suma, partindo deste quadro de realismo político, Meira Mattos descreve os problemas de segurança do Brasil contemporâneo e prescreve como remédio uma forte dose de poder — uma conseqüência do desenvolvimento. Para operar esses parâmetros mais amplos, particularmente na formulação de normas e diretrizes governamentais específicas, o General recomenda que as soluções dos problemas sejam apoiadas em "realidades geográficas", as que inspiraram os grandes estadistas "desde tempos imemoriais".<sup>24</sup> Segundo a perspectiva brasileira, geografia é destino.

Para Meira Mattos, a geopolítica é "uma indicação de soluções políticas condicionadas pelas realidades e necessidades geográficas". É a aplicação da política no espaço geográfico.<sup>25</sup> Em outro trecho ele escreve: "O território condiciona a vida de um estado e limita suas aspirações... A geografia condiciona, torna difícil, inspira, estimula (e) finalmente apresenta um desafio. Ela força um grupo humano a reagir às condições geográficas: o grupo reage e triunfa, ou não reage e é destruído".<sup>26</sup>

De grande importância, como o desenvolvimento nacional, a geo-

política, se corretamente aplicada, é uma fonte de poder.

Embora exista um "eterno conflito" entre o homem e seu ambiente, Meira Mattos sustenta que "é a vontade do homem que prevalece (e) triunfa sobre os fatores adversos da geografia".<sup>27</sup> Fortemente influenciado pela tese de Toynbee de "desafios e reações", ele afirma que a grandeza nacional é revelada quando o povo mobiliza o poder e a vontade para responder com êxito aos desafios de seu ambiente. Regiões geograficamente desfavoráveis, como existentes no Brasil, desafiam o caráter da nação. Por outro lado, a superação de antigas polarizações, esterilidade e derrotismos criados pelas condições ambientais — o que Meira Mattos julga que pode ser levado a cabo — restaurará a esperança, os ideais e a redenção nacional.<sup>28</sup>

Meira Mattos assinala que o território físico sempre teve grande influência sobre os destinos dos Estados... Assim, por exemplo, nações dispoem de espaço compacto — em contraste com as que possuem território alongado ou fragmentado — mantêm fronteiras menores e, assim, ocorrerão menos conflitos com os vizinhos e serão melhores as condições para defesa militar, o desenvolvimento econômico e a unidade interna.<sup>29</sup> Grandes territórios geralmente se traduzem em uma exagerada projeção de poder, porque tais países freqüentemente dispõem de mais recursos, população, mobilidade defensiva e melhor liderança.<sup>30</sup>

A respeito deste último ponto, Meira Mattos concorda com o geo-

político alemão Frederick Ratzel, quando diz que "espaço é poder".

Estados que contam extensas costas marítimas desfrutam as vantagens de comércio e contato internacional, menor dependência em relação aos interesses dos Estados vizinhos, fronteiras marítimas naturais e menores probabilidades de guerra ou invasão.<sup>31</sup> Relativamente a fronteiras territoriais, Meira Mattos acredita que limites entre Estados são pontos críticos para a paz; todavia, existem entre países algumas poucas zonas de demarcação natural. Ele é a favor de estados-tampão, quando possível, "para evitar tensões fronteiriças entre nações poderosas. É de registrar-se que Meira Mattos reconhece a idéia de "concepção de espaço", dos alemães Ratzel e Karl Ritter.<sup>32</sup> Os proponentes deste conceito imaginam fronteiras flexíveis, limitando o domínio territorial das nações, baseando-se no argumento de que "povos fortes e jovens" possuem um conceito mais amplo de espaço geográfico, empenhando-se, por consequência, em obter território maior. Nações menos agressivas, mais satisfeitas, revelam um declínio na concepção de espaço, levando à hipótese de que tais povos se tornaram decadentes e finalmente perderão seu território e talvez mesmo sua independência. Assim, as nações mais jovens e mais fortes naturalmente reclamam mais espaço terrestre ou *lebensraum* (espaço vital); países em decadência mais cedo ou mais tarde deverão enfrentar essa expansão e perder território.

Influenciado pela tese da "concepção de espaço" de Ratzel e Ritter, Meira Mattos escreve que a maioria das fronteiras é inerentemente instável e se assemelha "à pele de um órgão em crescimento". A esse respeito, cita Ratzel: "Uma fronteira real de um Estado é sempre o resultado de uma fase de sua evolução", sublinhando as palavras "de uma fase". O General afirma posteriormente (citando Everardo Backheuser) que "o estabelecimento de fronteiras... é um ato de vontade individual ou coletiva (sublinhando "é um ato de vontade").<sup>33</sup> Meira Mattos conclui este tema apresentando "um quociente de Pressão Demográfica" (copiado do geopolítico alemão Supan):

$$Q_p = \frac{\text{População do Estado A}}{\text{População do Estado B}}$$

Contudo, não é fornecida qualquer explanação deste quociente que enumere aspectos positivos ou recomendações baseadas em resultados específicos. Parece que tais afirmativas concernentes a fronteiras territoriais deveriam ser alarmantes para os vizinhos amazônicos do Brasil, a despeito das afirmativas de Meira Mattos, em outros trechos, de que as intenções de desenvolvimento das fronteiras de seu país são amistosas e não expansionistas.

Meira Mattos caracteriza o Brasil como tendo, na maioria das vezes, mais benefícios do que prejuízos com estes vários aspectos da geografia. Do ponto de vista da forma, a do Brasil é compacta; sua

superfície é extensa e sua posição tem as vantagens tanto das longas costas marítimas como das fronteiras territoriais não contestadas pelos vizinhos. Apresentando um "quociente marítimo-continental" para acentuar este ponto, o General classifica o Brasil como um país "misto", entre fronteiras marítimas e terrestres, semelhante ao caso dos Estados Unidos e da União Soviética, e sustenta que este equilíbrio, ignorado pelos governos de antes de 1964, assegura o potencial para um significativo poder nacional.<sup>34</sup>

A despeito dos rigores da floresta amazônica, Meira Mattos afirma que esta área também será conquistada e contribuirá para o desenvolvimento brasileiro. De fato, vencer os desafios da selva servirá de estímulo para as qualidades intrínsecas de caráter e determinação do povo do país e o despertará para realizar seu destino de grande potência.<sup>35</sup> Ademais, o Brasil está dotado de amplos recursos naturais e possui uma crescente base industrial e tecnológica, elementos também indispensáveis para a obtenção do *status* de grande potência.<sup>36</sup> Esta estrutura natural e aperfeiçoada pelo homem representa igualmente uma possibilidade maior para a auto-suficiência nacional do que pode exibir a maioria dos demais Estados. Meira Mattos se refere repetidamente à nova "juventude" e vigor do Brasil, qualidades atribuíveis em parte às corretas diretrizes e eficaz liderança dos recentes governos "revolucionários" militares. Manifesta aversão é registrada relativamente à "irracionali-

dade do passado", à "nacional plasticidade", aos funcionários civis "esquerdistas" que agiram com "mentalidade de papel carbono", "espírito vazio" e "temperamento abstrato".

Além de ser um país atualmente bem dirigido, o Brasil é democrático, amante da paz e seu povo, unido, apóia seus governantes. Meira Mattos louva este espírito nacional, declarando:

*O Brasil, muito mais jovem (do que outros Estados), já se encontra integrado dentro de um espírito nacional. Ninguém é capaz, em boa fé, de duvidar da existência de um espírito nacional, alerta e sensível aos superiores interesses e aspirações da nação. Temos unidade de idioma, de crença religiosa e de aceitação de nossa amálgama racial — sobretudo, uma extraordinária unidade espiritual. No imenso subcontinente brasileiro (todas as regiões e cores) vibram com igual intensidade ante a nossa bandeira e nosso hino nacional. Todos são igualmente comovidos pela mesma música, a mesma história... a mesma lenda do saci-pererê.*<sup>37</sup>

A propósito do mesmo assunto, o General declara: "Nosso povo é inteligente, tem iniciativa, aprende rapidamente as novas técnicas, deseja progredir e tem orgulho de seu país... Com este povo realizaremos nosso destino."<sup>38</sup>

Uma vez que o Brasil satisfaz esses pré-requisitos geográficos e humanos para a grandeza nacional, Meira Mattos sustenta enfaticamente que seu país possui "todas

às condições para aspirar a um lugar entre as grandes potências do mundo" — um tema que é repetido em toda a sua obra. Julga também que seu país realizará esse "salto" para atingir o poder e o completo desenvolvimento sem a destruição provocada nos casos dos modelos chinês e russo, mas dentro da influência ocidental de "democracia com autoridade".<sup>39</sup>

Tendo atingido o *status* de grande potência, o Brasil assumirá novas responsabilidades segundo Meira Mattos:

*Nosso desenvolvimento acarretará o peso de grandes responsabilidades na área da segurança externa. Seremos uma potência mundial, alcançado esse objetivo no ano 2000 e sem prejuízo de nossa vocação ou dos benefícios desse poder. Em consequência, devemos estar preparados também para exercê-lo, protegendo nossos interesses cujas dimensões, em termos de economia e geoestratégia adquirirão amplitude mundial.*<sup>40</sup>

De acordo com Meira Mattos, a nova posição do Brasil como potência exige a consolidação e expansão do papel estratégico do país em duas grandes áreas de interesse: o Atlântico Sul e a bacia amazônica.<sup>41</sup>

A nova confiança do Brasil em seu poder e no papel que desempenhará no quadro mundial criou no país, durante a última década, uma consciência de segurança no Atlântico Sul. O General Meira Mattos aborda essa necessidade, ao escrever: "Devemos chegar ao fim

do século com um dispositivo militar de segurança, garantindo nossa utilização das rotas marítimas e áreas do Atlântico Sul, e aí criando uma dissuasória força estratégica de alta mobilidade.<sup>42</sup> Em outro trabalho, declara:

*Existe atualmente uma ameaça fundamental contra o Atlântico Sul e isso possibilita o bloqueio soviético das linhas de suprimento de petróleo para os Estados Unidos, a Europa e o Brasil. O bloqueio da rota sul-africana paralisaria a OTAN — o principal instrumento contra a União Soviética.*<sup>43</sup>

Como consequência, o General recomenda um cuidadoso estudo militar da situação, incluindo o das posições-chave que devem ser ocupadas em caso de ameaça, quais as alianças internacionais possíveis, de que modo outras forças poderão ser instaladas na região e providências semelhantes.

Paralelamente a esta necessidade de segurança militar na região do Atlântico Sul existe a de manter o acesso do comércio marítimo aos mercados externos. A fim de evitar "estrangulação econômica" pelo bloqueio das áreas vitais, Meira Mattos defende um ambicioso programa de construção de navios mercantes e de guerra. Com as rotas comerciais protegidas — além da exploração de novos recursos oriundos da plataforma continental e da faixa marítima de 200 milhas da costa — o General prediz que o desenvolvimento brasileiro tornará, conseqüentemente, o

Atlântico Sul "uma das mais prósperas regiões do mundo."<sup>44</sup>

As zonas de segurança do Atlântico Sul que interessam ao Brasil são assim determinadas por Meira Mattos: o Eixo Belém—Recife—Dacar é prolongado para o norte até o Trópico de Câncer, incluindo repercussões no Caribe, especificamente o Canal do Panamá, Trinidad-Tobago e as Antilhas orientais, até a Península Ibérica e Gibraltar. Nas extremidades meridionais, as preocupações do General se concentram principalmente no cone da África do Sul e nos pontos de estrangulamento dos Estreitos de Magalhães — Terra do Fogo. Acentua a importância da Antártica para o acesso brasileiro aos Oceanos Pacífico e Índico e apóia as pretensões àquela região apresentadas não apenas pelo Brasil, mas também pela Argentina e pelo Chile.<sup>45</sup>

Meira Mattos acredita que o poder do Brasil nas próximas décadas será insuficiente para vencer as ameaças à segurança nessa área. Recomenda então uma presença naval conjunta Brasil—Estados Unidos, uma vez que os dois aliados têm interesses estratégicos similares no Atlântico.<sup>46</sup> O General recomenda igualmente a criação de uma "Comunidade do Cone Sul" ou um Tratado da Organização do Atlântico Sul, tendo como partícipes o Brasil, a Argentina, o Uruguai, o Paraguai e o Chile, incluindo posteriormente membros africanos, para a segurança das rotas do sul.<sup>47</sup>

As relações africano-brasileiras, assegura o General, "são mais im-

portantes para o Brasil do que qualquer outra região do mundo". As nações africanas, por terem recentemente alcançado a independência, são mais susceptíveis à penetração soviética e, pela primeira vez, elas se apresentam como uma ameaça potencial à segurança do Brasil.<sup>48</sup> Ademais, como competidores comerciais, os estados africanos são

*altamente prejudiciais ao comércio exterior do Brasil. O desenvolvimento econômico da África representa para nós uma perda súbita de mercados europeus e norte-americanos para os nossos produtos clássicos de exportação, uma vez que a África pode produzir substitutos similares, com mão-de-obra muito mais barata.*

Apesar disso, Meira Mattos acrescenta que "o mercado africano seria uma boa saída para os bens industriais brasileiros" e que a rivalidade comercial ficaria abrandada se o Brasil dependesse menos da exportação de produtos primários. A recomendação do General é no sentido de uma ligação mais íntima com os africanos, a fim de evitar a formação da imagem de "um vizinho desconfortável e perigoso".<sup>49</sup>

Recomendando uma comunidade Portugal—Brasil—África Portuguesa para a segurança e o progresso econômico, Meira Mattos vê o Brasil também em posição de ser o mediador entre o Ocidente e os Estados afro-asiáticos. Escrevendo no início da década de 60, ele expõe sua posição:

*Podemos desempenhar um papel importante na verdadeira missão ocidental — a de tentar dissipar as reações antiocidentais da Afro-Ásia... Através da comunidade luso-brasileira podemos aproximar as novas nações africanas, oferecendo-lhes nossa experiência como uma jovem nação com um passado colonial recente, que está deixando a fase sudesenvolvida, que não foi sobrecarregada com problemas raciais e que está interessada em laços comerciais e econômicos com seus vizinhos do outro lado do Atlântico.*

Esta projeção do poder brasileiro por toda a bacia do Atlântico Sul, argumenta o General, seria outra importante contribuição para conseguir o *status* de grande poder.

Dos temas geopolíticos de Meira Mattos, o do desenvolvimento da Amazônia merece sua maior atenção. Pelo menos cinco justificativas expostas em seus trabalhos acentuam o interesse estratégico do General pela bacia amazônica. Inicialmente, Meira Mattos identifica um "Problema Amazônico", que é a cobiça da área, por parte de nações de fora ou organizações internacionais, em razão de sua esparsa população e inexplorada riqueza ecológica e mineral. Diz ele: "Seria perigoso deixar a vasta bacia amazônica despovoada e subdesenvolvida, quando há áreas sofrendo graves problemas de superpopulação — Bangladesh, Indochina, Japão... (Não seria) desejável para os países amazônicos perder sua soberania sobre essa inexplora-

rada região sob o pretexto de incapacidade para explorá-la. Respondendo à ameaça geográfica, Meira Mattos descarta a intervenção estrangeira para a Amazônia e, em seu lugar, recomenda o aumento da população interna.

Preocupantes também são os fatores de rebelião interna e o queio militar de centros costeiros e da foz do Amazonas, que representam perigos estratégicos atuais para o Brasil e permitem que eles se desenvolvam no interior. Por exemplo, o General, em um de seus artigos, chama a atenção para os problemas de segurança interna que surgem da própria região amazônica: "O inimigo está (localizado) dentro (do Brasil) não é uma ameaça de ataque direto através de nossas fronteiras. A verdadeira ameaça interna é a guerra revolucionária." Para conter esta força centrífuga, a fronteira amazônica deve, segundo recomenda o General, ser desenvolvida e integrada com a costa. Em outro trecho ele se refere ao bloqueio naval alemão durante a Segunda Guerra Mundial e à possível repetição de tais perigos pelos soviéticos. Tal "perigo de dependência" da costa pode ser assim resumida:

*Esta política de continência de, para ser efetiva, terá de evitar um interior menos dependente da tirania do comércio externo, ou cinturões marítimos. Terá de assegurar certo nível de interdependência econômica entre as regiões ligadas às grandes massas continentais (sul-americanas), favorecendo a criação*

*uma sociedade próspera e por isso mesmo auto-suficiente.*<sup>54</sup>

Através da integração da Amazônia com a costa e, igualmente, com o Pacífico andino, o imenso interior seria capaz de resolver algumas das dificuldades de rebelião e de ataques estrangeiros.

As perspectivas de grandes riquezas amazônicas aguçam igualmente o interesse de Meira Mattos. Citando recentes descobertas de manganês, minério de ferro, cobre, bauxita e urânio, ele acredita que o desenvolvimento do interior "propiciará a descoberta de novas riquezas, a amplificação de um potencial nem sequer suspeitado e sua transformação em poder. Significaria a conquista do espaço interior e sua utilidade seria amplamente explorada no ano 2000".<sup>55</sup> Tais benefícios se estenderiam também a todos os países com territórios na Amazônia, representando verdadeiramente uma dádiva para toda a América do Sul.<sup>56</sup>

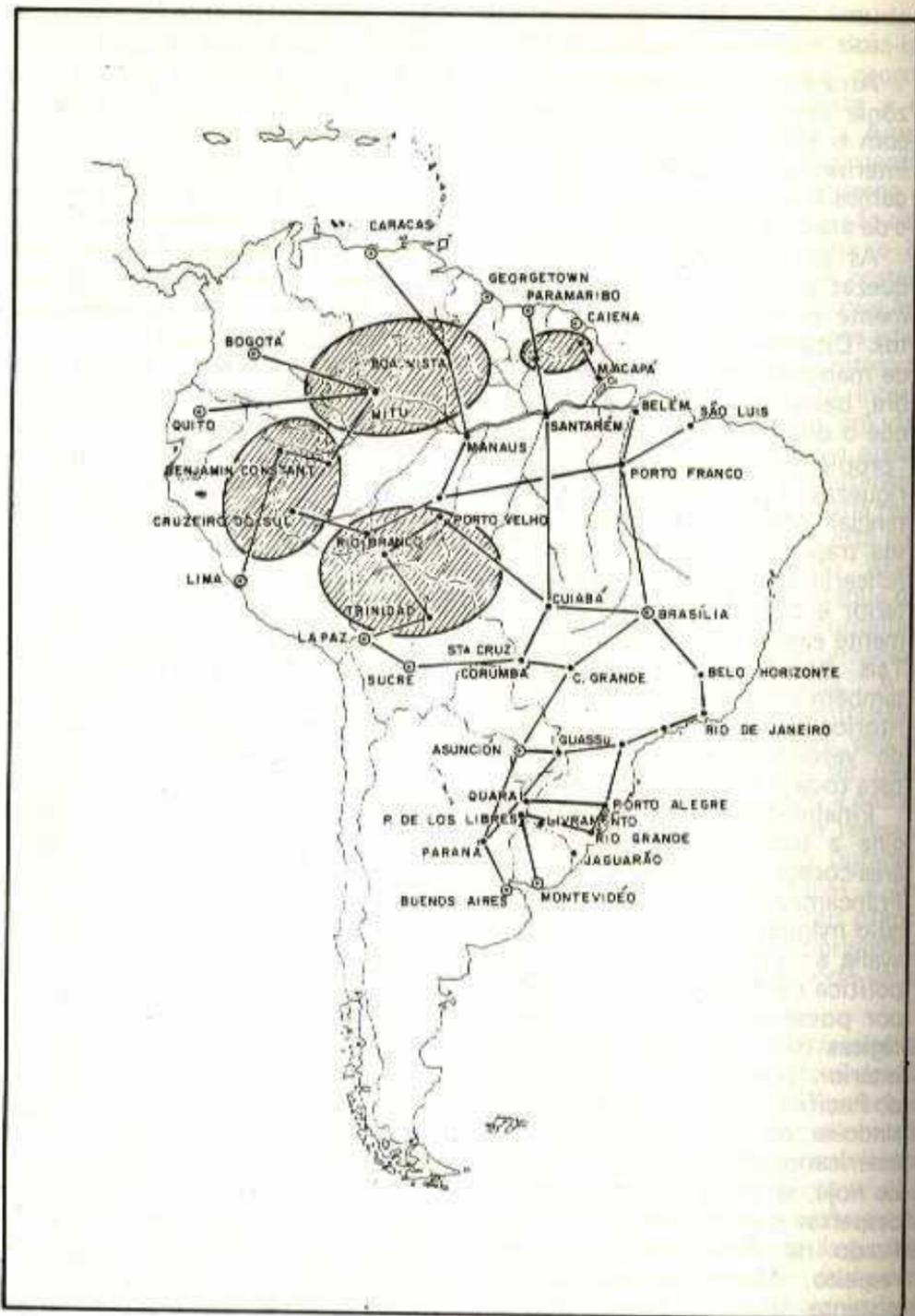
Finalmente, Meira Mattos imagina a bacia amazônica como a área-corção da América do Sul. Francamente ignorando o "triângulo mágico" boliviano, o General avalia a "privilegiada posição geopolítica da Bolívia e do Equador" por possuírem as passagens estratégicas das montanhas, ligando o interior brasileiro às populações do Pacífico.<sup>57</sup> Ao invés disso, referindo-se ao desenvolvimento sul-americano, ele afirma: "No Brasil de hoje, o cerne do problema de despertar o continente está centralizado na Amazônia."<sup>58</sup> A esse respeito, Meira Mattos também sustenta que "o Brasil está em

uma posição privilegiada ante os demais possuidores da bacia (amazônica), pelo fato de que a maior parte de nosso território é adjacente ao curso da saída para o oceano".<sup>59</sup> Em conseqüência, o desenvolvimento da Amazônia representa a chave não apenas para o desenvolvimento do Brasil, mas também do progresso da América do Sul, com as suas duas áreas de futura prosperidade intimamente interligadas.

Para este desenvolvimento continental do interior da América do Sul o General sustenta que a orientação do Brasil é de "fraternal intercâmbio", sem isolar-se de seus vizinhos de idioma espanhol nem hostilizá-los. Diz ele:

*Nossa diplomacia reajustou, nos últimos anos, nossas linhas estratégicas, emprestando maior importância à política de aproximação com nossos vizinhos continentais. Em curto espaço de tempo esta diretriz foi coroada de êxito. Reforçamos nossos laços com as nações sul-americanas, por meio de órgãos regionais e sub-regionais. Iniciamos em curtíssimo espaço de tempo a mobilização das principais nações da bacia amazônica para um Tratado de Cooperação. E finalmente, alertamos nossos vizinhos, membros do Pacto Andino, para a importância de um reajustamento com o Brasil para benefício de todos.*<sup>60</sup>

Em outro trecho, o General amplia este tema de intenções pacíficas para além do Hemisfério: "A estabilidade e a tranqüilidade do mundo representarão o prêmio d



nossa história de vocação pacifista e o clima de segurança indispensável ao progresso sócio-econômico que desejamos despertar."<sup>61</sup>

Utilizando o conceito de desenvolvimento de fronteiras "pólos" ou projetos "pólo-amazônicos", Meira Mattos assinala três zonas polares intermutáveis, ligadas ao platô central e à capital, Brasília, por um novo sistema rodovial e ferroviário: 1) a área norte de acesso à Guiana, Suriname, Venezuela e Colômbia, por Boa Vista; 2) a passagem ocidental para o Peru e Equador por Iquitos e Letícia; e 3) o canal de sudoeste para o Peru e Bolívia, via Rio Branco e Riberalta. Novas minas, fazendas e estabelecimentos industriais surgirão nessas zonas, desde que o governo providencie meios de transporte e de telecomunicação, energia, recursos administrativos e demais assistência.<sup>62</sup> Estas estações gerarão círculos concêntricos de desenvolvimento, irradiando-se para o exterior e finalmente ultrapassando as fronteiras internacionais, visando a estimular o progresso continental, conforme previsto no Pacto Amazônico.<sup>63</sup>

Classificando como um desafio toynbeeano os esforços em prol do desenvolvimento amazônico, Meira Mattos considera a arremetida do Brasil para oeste semelhante à dos Estados Unidos, da Rússia e da Austrália. Estas nações possuem certos fatores necessários para dominar seus vastos espaços interiores e cada uma solucionou

*o problema de conquistar seu próprio território, de integrar suas porções marítimas e conti-*

*mentais, revelando-nos a importância de uma estratégia de transporte territorial e de população, a capacidade de materializar (projetos) dentro do contexto de geografia e uma determinação política do estado. Esta determinação, como sabemos, não se traduz no trabalho de um governo, mas realmente na linha de continuidade que inspira as aspirações e os interesses nacionais, cujo curso mantém um traçado coerente passado-presente-futuro, quaisquer que sejam o regime e os governadores.*<sup>64</sup>

O General deixa bem claro, de modo seguro, que o Brasil possui a determinação, a estratégia, a capacidade e a continuidade para ser realizada esta transformação. Assim, com o apoio da análise e do planejamento geopolítico, assegura Meira Mattos, a projeção bem orientada da atuação brasileira na bacia amazônica, assim como no Atlântico Sul, proporcionará ao país seu destino nacional — a obtenção do *status* de potência mundial dentro das próximas décadas.

## CONCLUSÕES

Dos trabalhos geopolíticos do General Meira Mattos podem ser delineados pelo menos cinco temas principais:

1) Os fatores geopolíticos são vitais para o desenvolvimento e a segurança nacional do Brasil, baseados em uma integração de planejamento político, espaço e posição territorial, recursos naturais e tecnologia, a coesão e a vitalida-

de da população e a criatividade da liderança para resolver os problemas internos e internacionais, e satisfazer as aspirações nacionais.

2) A posição geográfica do Brasil, além de sua tradicional herança ocidental, coloca a nação como aliada dos Estados Unidos em oposição a ameaças vindas de fora do hemisfério, mais especificamente o expansionismo russo.

3) A segurança do Brasil está ligada à bacia do Atlântico Sul — uma localização estratégica acentuada primeiro pelo saliente nordestino, projetando-se na direção da África e obrigando a proteção da parte estreita do Atlântico nas rotas para o norte da África e para a Europa. Ademais, Meira Mattos atribui ao Brasil a responsabilidade pela manutenção da passagem pelos pontos vitais da Antártica no rumo do sul da África e do cone da América do Sul, além da proteção das costas da África ocidental.

4) O pensamento geopolítico encarece o planejamento do desenvolvimento regional para a bacia amazônica, isto é, segundo os conceitos de pólos de desenvolvimento fronteiriços, redes de comunicações, desafios demográficos, recursos naturais etc. Do mesmo modo, a integração da fronteira com a costa e sua auto-suficiência reduzem as ameaças insurrecionistas e estrangeiras contra o interior e podem ser conseguidas dentro do quadro de uma cooperação e a amizade do Brasil com os países hispano-americanos.

5) Desenvolvimento, poder e segurança são intimamente ligados a essa conexão, uma vez projetada

além da esfera continental para uma dimensão mundial, proporcionar o destino nacional do Brasil — a obtenção do *status* de grande potência.

Os temas geopolíticos de Meira Mattos são inerentemente originais e brasileiros, com menos apoio em fontes britânicas, alemãs ou norte-americanas do que se poderia concluir de uma primeira leitura de seus trabalhos. Embora altamente familiarizado com as escolas geopolíticas e de relações internacionais (suas obras estão repletas de citações e idéias de outros autores), o General não é intelectualmente dependente desses autores ou escolas de pensamento, nem um escravo das tradições geopolíticas brasileiras. Ao contrário, suas contribuições teóricas e de formulação de políticas podem ser caracterizadas como dinâmicas, originais, otimistas, democráticas, não militaristas, consistentes com o quadro político real, mais prescritivas do que deterministas na aplicação da geografia à política e pertinentes às condições internacionais prevalentes no hemisfério.

Especificamente, ele parte de tradicional geopolítica brasileira, ignorando o "triângulo mágico" boliviano, substituindo a rivalidade argentina-peruana-venezuelana por uma cooperação regional e harmoniosa, insistindo no desenvolvimento explícito de estratégias estáticas para a bacia amazônica e estendendo a zona de segurança de seu país até o Atlântico Sul e Médio, o oeste da África e a Antártica. Essas idéias coincidem

com a transformação contemporânea do hemisfério, por meio da qual as nações de origem espanhola da América do Sul estão evoluindo na direção do eixo brasileiro, como os Estados Unidos revelam sua "síndrome de Vietnã" em sua incapacidade de intervir no Panamá, no Caribe e na América Central, mostrando-se em consequência sem condições para projetar seu poder mais para o sul.

Com a mesma habilidade, o General integra suas manifestações geopolíticas no molde do realismo, que propicia relacionamentos e também facilita a passagem dos temas geopolíticos para campos além do geográfico, tais como o da democracia, da administração pública, da liderança, da cultura ocidental etc. Todavia, Meira Mattos é menos dogmático do que Morgenthau e, principalmente, Spykman, em sua ênfase a respeito do poder restrito pela moralidade, em seus objetivos democráticos para o Brasil (embora temperados com autoridade), em sua confiança na maturidade política do povo brasileiro, em seu interesse em acumular poder como instrumento para a segurança e mesmo desenvolvimento nacional, não apenas como um fim em si.

Dentro dos contornos da política externa brasileira, as projeções de Meira Mattos são razoáveis, sem exageros. Ele insiste para que sua nação primeiro se examine e analise detalhadamente suas características tais como tradição, recursos naturais e humanos, posição geográfica, problemas reais e poten-

ciais, e objetivos sócio-político-econômicos. Depois, então, planeje, apoiado nas possibilidades do poder. O General não se mostra preocupado com uma ameaça russa imediata, nem com o desinteresse dos Estados Unidos em relação à América do Sul. Suas prescrições contra os perigos que ameaçam o Brasil se centralizam muito mais nos remédios econômicos e habilidade diplomática do que na força militar e expansão. De fato, durante a última década, tal orientação elevou o Brasil à liderança entre as nações sul-americanas. O General prediz, com otimismo, a posição do Brasil entre as grandes potências mundiais e, embora a fixação do ano 2000 para atingir tal objetivo possa ser considerada um tanto prematura, a ocupação do Brasil, afinal, de uma posição de autoridade no concerto das nações não é uma hipótese desarrazoada.

Os pontos mais fracos nas teorias de Meira Mattos decorrem de sua dependência às idéias de Toynbee e Ratzel. Estas influências estrangeiras tendem a prejudicar e, sob certos aspectos, a contradizer os temas principais da geopolítica do General. Por exemplo, Meira Mattos utiliza a tese de "desafios e respostas" de Toynbee como uma promessa para o êxito do desenvolvimento da bacia amazônica e exploração de suas riquezas, em favor da integração e do poder nacional. Isto quer dizer que, se o povo brasileiro fosse realmente ameaçado pela selva tropical, então tal conquista seria inevitavelmente efetivada.<sup>65</sup> Todavia, alguns

céticos julgam que essa selva não pode ser facilmente subjugada e que recentes diretrizes e providências governamentais, inclusive o programa POLAMAZÔNIA, foram mediocrementemente concebidas e mal executadas. Além disso, como pode um país ser organicamente tratado como "jovem"? O Brasil tem menos idade que a União Soviética ou os Estados Unidos e, se juventude é conceituada como tendo menos desenvolvimento, será isso então, realmente, uma vantagem para o Brasil? Ou pode-se atribuir um valor positivo à juventude, quando o objetivo nacional brasileiro é justamente crescer e desenvolver-se — atributos característicos da maturidade?

Quando Meira Mattos reconhece a tese de "concepção de espaço" de Ratzel sobre a elasticidade das fronteiras nacionais, ele subentendendo uma ameaça de expansionismo brasileiro contra os vizinhos da América espanhola. Esta passagem, aflorada ligeiramente e apenas uma vez em seu *Brasil — Geopolítica e Destino*, está claramente fora do quadro geral e contradiz seus muito mais notórios pronunciamentos, advogando paz continental e solução de problemas de fronteiras. A tese de Ratzel é também bastante perigosa para a consecução dos objetivos da política externa brasileira, tão brilhantemente expostos pelo General, porque excitar controvérsias e reações a respeito de antigos limites do Brasil é certamente prejudicial ao desenvolvimento econômico da Amazônia e à segurança do Atlântico Sul.

No contexto mais amplo da piração do Brasil — conquistar *status* de potência mundial — aliada dentro das dimensões da geopolítica de Meira Mattos existem muitas características dialéticas, algumas talvez já confrontando o passado que foram omitidas. Pode a nação perseguir e projetar rápida e vigorosamente seu novo poder, quando várias infra-estruturas continuam a resistir à modernização, estabilidade a longo prazo, especialmente seu sistema político dominado pelos militares, sua dependência ao petróleo e aos investimentos estrangeiros e seus embarcos vácuos em progresso social? A hostil vizinhança da América espanhola continuará sendo contida ou a África Ocidental impedida de ameaçar o Brasil, a despeito da diplomacia e do poder econômico militar brasileiros? Não seriam dignos de cuidadosa análise estes dilemas e paradoxos, em aditamento das avaliações de poder, posição e outras que tais?

Esses problemas estruturais, e, portanto, não escaparam à percepção de Meira Mattos (ele assinala, por exemplo, a pobreza de verbos que sugere alternativas para a dependência do petróleo e apóia firmemente governos democráticos). Além disso, seus trabalhos geopolíticos estabelecem um quadro consistente e flexível dentro do qual podem ser inseridas e solucionadas questões dessa natureza. E, suma, os temas geopolíticos do General Meira Mattos contribuíram e contribuirão para um Brasil estável e desenvolvido — um país que está assumindo o lugar que lhe

compete, de respeito e liderança entre as nações do mundo.

## Notas

1. Para definições e tendências da geopolítica, ver Ladis K. D. Kristof, "The Origins and Evolution of Geopolitics", *Journal of Conflict Resolution*, Vol. 4, Nº 1 (março de 1960), pgs. 15-51, Derwent Whittlesey, "Haushofer: The Geopoliticians" em Edward Mead Earle, *Makers of Modern Strategy: Military Thought from Machiavelli to Hitler* (Princeton University Press, 1943), pgs. 388-411, e James E. Dougherty e Robert L. Pfalzgraff, Jr., *Contending Theories of International Relations: A Comprehensive Survey* (Nova York: Harper and Row, 1981), pgs. 54-83.
2. Entre recentes publicações de interesse, as seguintes se destacam como exemplos das várias perspectivas modernas sobre o assunto: Colin A. Gray, *The Geopolitics of the Nuclear Era: Heartland, Rimlands, and the Technological Revolution* (Nova York, Crane, Russak & Company, Inc., 1977), Benjamin A. Most e Harvey Starr, "Diffusion, Reinforcement, Geopolitics and the Spread of War", *American Political Science Review*, Vol. 74, Nº 4 (dezembro de 1980), pgs. 932-946, e John Child, "Strategic Concepts of Latin America: An Update", *Inter-American Economic Affairs*, Vol. 34, Nº 1 (verão de 1980), pgs. 61-82.
3. Lewis, A. Tambs investiga a consciência geopolítica brasileira até os tempos coloniais. Ver seu "Brazil's Expanding Frontiers", *The Americas*, Vol. 23, Nº 2 (outubro de 1966), pgs. 165-179, e "Rubber, Rebels, and Rio Branco: The Contest for the Acre", *Hispanic American Historical Review*, Vol. 46 (agosto de 1966), pgs. 254-273. Ver também Carlos de Meira Mattos, *Uma Geopolítica Pan-Amazônica* (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1980), pgs. 19-62.

4. Para um resumo de tradições sobre a geopolítica brasileira, ver John Child, "Geopolitical Thinking in Latin America", *Latin American Research Review*, Vol. 14, Nº 2 (1979), pgs. 89-94.
5. Robert N. Burr descreve uma aliança Chile-Colômbia, formada várias vezes durante o século XIX, em oposição ao eixo Argentina-Peru. Ver seu "The Balance of Power in the Nineteenth-Century South America: An Exploratory Essay", *Hispanic American Historical Review*, Vol. 35 (fevereiro de 1955), pgs. 37-60.
6. O Governo brasileiro receava que o tratado do canal com o Panamá, proposto por Jimmy Carter, ameaçasse a certeza de trânsito no istmo e consequentemente aumentasse o interesse nas rotas do Atlântico Sul para a Ásia e o Oriente Médio. Para descrição desses temores e pontos vitais, ver Lewis A. Tambs, "Strategy, Sea Power, and Survival: The Case for Retaining the Isthman Canal", Depoimento perante a Comissão de Relações Exteriores do Senado, *Congressional Record* 123: 163 (11 de outubro de 1977), pgs. 16972-73, e "The Changing Balance of South America", *Journal of Social and Political Studies*, Vol. 4, Nº 1 (primavera de 1979), pgs. 17-35. Os trabalhos de Lewis Tambs são particularmente importantes para uma análise dos geopolíticos brasileiros, em virtude de suas íntimas ligações com Meira Mattos e outras personalidades governamentais da América do Sul.
7. Para informações sobre a ESG e seu impacto, ver Roger W. Fontaine, *Brazil and the United States: Toward a Maturing Relation ship* (Washington, D.C.: American Enterprise Institute for Public Policy Research, 1974), pgs. 80-92, e Alfred Stepan, *The Military in Politics: Changing Patterns in Brazil* (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1971), pgs. 245-247.
8. Stepan, pgs. 236-245.

9. Ronald Schneider, *The Political System of Brazil: Emergence of a "Modernizing" Authoritarian Regime, 1964-1970* (Nova York: Columbia University Press, 1971), pg. 147.

10. Schneider, pg. 147.

11. Fontaine, pg. 82.

12. Em sua análise de realismo e poder, Meira Mattos é particularmente influenciado por Hans Morgenthau, cujos famosos seis princípios de realismo são cuidadosamente examinados em *A Geopolítica e as Projeções do Poder* (pgs. 60-63) em adição aos elementos nacionais do poder e doutrinas de equilíbrio de poder — esferas de influência. Apesar disso, Meira Mattos apenas cita Morgenthau e, em menor grau, Nicholas Spykman e outros realistas, ao formular um quadro geral da política. A partir daí, Meira Mattos mostra-se à vontade para apresentar as fórmulas geopolíticas que ele prescreve para o Brasil.

13. Por exemplo, o General classifica o Brasil como "o bastião do mundo livre" e uma "cidadela da democracia", porque o saliente nordestino do país continuará a ser utilizado pelas forças americanas em operações militares contra a África do Norte, quando surgirem ameaças da massa terrestre Europa-África-Ásia (*Brasil — Geopolítica e Destino*, pag. 74). Em outro exemplo, Meira Mattos invoca assistência militar dos Estados Unidos para a segurança do Atlântico Sul, sugerindo que o bloqueio soviético das linhas de suprimento de petróleo "paralisaria a OTAN — o principal instrumento contra a União Soviética" (*Estratégia Militar Brasileira*, *A Defesa Nacional* 673, 3º trimestre de 1973, pg. 8). Outras passagens refletem suas preferências pela democracia ocidental, em contraste com o marxismo. Ver *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pgs. 59-60, e *Brasil — Geopolítica e Destino*, pg. 73.

14. Adotada de Ray Cline, com acréscimos, para *World Power Assess-*

*ment — A Calculus of Strategic* (Georgetown University, 1975). Mattos aceita a definição de po-  
ESG: "expressão integrada de to-  
recursos que uma nação possui,  
momento considerado, para pro-  
interna e externamente a cons-  
dos objetivos nacionais, a despe-  
quaisquer ameaças". *A Geopolí-  
as Projeções do Poder*, pg. 129.

15. *Brasil — Geopolítica e Destino*, pgs. 86-88. Este tema é comum a  
os trabalhos de Meira Mattos.

16. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pg. 38. Os realistas defiri-  
paradigmaticamente a moralidade de indi-  
e moralidade de estados, alegando  
perigoso juntar os dois níveis de  
sob um mesmo sistema de ética  
propriamente, segundo Meira Ma-  
moralidade do estado é, "acima  
do, defender os interesses da  
(pg. 59).

17. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pg. 31.

18. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pgs. 16-17 e 54-55.

19. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pg. 50.

20. *Brasil — Geopolítica e Destino*, pgs. 88 e 105-107.

21. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pg. 30. Neste caso, ele  
influência do historiador  
Arnold Toynbee.

22. *Brasil — Geopolítica e Destino*, pgs. 101-102.

23. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pgs. 54-55 e 101-103.

24. *Brasil — Geopolítica e Destino*, pgs. 4-6. Para a utilização do r-  
como um modelo para a geopolít-  
Sigmund Neumann, "Comparati-  
tics: A Half-Century Appraisal"  
Louis J. Cantori, *Comparative  
System* (Boston, Massachusett-  
brook Press, Inc., 1974), pgs. 14-  
25. *Brasil — Geopolítica e Destino*

4. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pg. 15.
26. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pgs. 105-106. Meira Mattos pode ser classificado como um geopolítico "estrategista" a esse respeito. Segundo Ladis Kristof, os estrategistas clamam por diretrizes e estratégias específicas que eles consideram em face de fatores geográficos e certos aperfeiçoamentos na política internacional e na tecnologia militar. Eles levam em consideração fatores tais como espaço, potencialidades do poder nacional, distribuição de matérias-primas e população, rotas estratégicas e outros. Ver seu "Origins and Evolution of Geopolitics", pgs. 37-38.
27. *Brasil - Geopolítica e Destino*, pgs. 7 e 40.
28. *Brasil - Geopolítica e Destino*, pgs. 9-12.
29. *Brasil - Geopolítica e Destino*, pgs. 13-18.
30. *Brasil - Geopolítica e Destino*, pg. 71.
31. *Brasil - Geopolítica e Destino*, pgs. 21-22.
32. Andrew Gyorgy, *Geopolitics: The New German Science* (Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1944), pgs. 151-154 e 228-234.
33. *Brasil - Geopolítica e Destino*, pgs. 39-40.
34. *Brasil - Geopolítica e Destino*, pg. 24. O General acredita que grandes espaços territoriais dão a seus habitantes um "espírito altamente otimista e uma vocação para grandes empreendimentos políticos, econômicos e sociais... daí resultando um formidável estado potencial. Nós, brasileiros, sentimos bem isso". "Aspectos Geopolíticos de nosso Território", *Boletim Geográfico* (Rio de Janeiro), janeiro-fevereiro de 1952, pgs. 48-49.
35. *Brasil - Geopolítica e Destino*, pgs. 8-9 e 19-20.
36. Estes temas são fortemente explorados em *Uma Geografia Pan-Amazônica*.
37. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pg. 102. A referência ao saci-pererê neste trecho é um negrinho perneta do folclore brasileiro, que importuna os viandantes à noite ou coloca armadilhas no caminho deles.
38. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pg. 94.
39. *Brasil - Geopolítica e Destino*, pgs. 71-73.
40. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pg. 143. Em outro trecho o General afirma: "Esta ampliação de poder brasileiro no campo internacional representa uma ampliação geográfica dos interesses (brasileiros) que devem corresponder a um acréscimo de responsabilidades estratégicas". "Estratégia Militar Brasileira", pg. 7. Ver também sua *Doutrina Política de Potência* em Schneider, pg. 315.
41. *Brasil - Geopolítica e Destino*, pg. 75, e *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pg. 105. A esse respeito ele acrescenta: "O destino do Brasil é condicionado pelas influências tanto continentais como marítimas."
42. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pg. 142.
43. "Estratégia Militar Brasileira", pgs. 8-9.
44. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pgs. 119-123. Lewis Tambos afirma que o Brasil propôs um plano de Linhas Marítimas de Transporte de Petróleo com o Irã, visando à proteção das rotas do Golfo Pérsico para o Atlântico passando pelo sul da África, contra ameaças de aliados dos soviéticos na África. Com assistência japonesa para acelerar a expansão da Esquadra brasileira, o plano também previa possível cooperação argentina e uruguaia na proteção dessas rotas marítimas. Com a queda do Xá, o projeto foi arquivado. Ver sua "Geopolitical Balance in South America", pg. 22.
45. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pg. 122, e "Estratégia Militar Brasileira", pg. 8.

46. *Brasil — Geopolítica e Destino*, pg. 76. Esta citação é também atribuída ao General Golbery do Couto e Silva por Fontaine: "O General Golbery do Couto e Silva argumenta que o Ocidente necessita do Brasil, de seus recursos, de seu potencial humano e de sua posição geográfica no Atlântico Sul. Perspicazmente ele acrescenta que, embora o Brasil seja dependente da ajuda do Ocidente, este tem todo o interesse em prestá-la — um Brasil comunista seria um desastre geopolítico". Fontaine, pg. 84, de "O Brasil e o Despertar Afro-Asiático", *A Defesa Nacional*, junho de 1960, pg. 114.
47. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pg. 122 e "Estratégia Militar Brasileira", pg. 8.
48. *Brasil — Geopolítica e Destino*, pgs. 75-76. Meira Mattos observa que "foguetes" apontados da África para o Brasil representariam uma séria ameaça à segurança.
49. "O Brasil e o Despertar Afro-Asiático", *A Defesa Nacional*, junho de 1960, pgs. 114-118, em Fontaine, pgs. 84-85.
50. "Portugal na África", *A Defesa Nacional*, janeiro-fevereiro de 1962, pgs. 63-65, *Boletim de Informações*, julho de 1961, pgs. 19-21, ambos de Fontaine, pgs. 85-86.
51. *Uma Geopolítica Pan-Amazônica*, pgs. 136 e 145-146. Ver também "Aspectos Geopolíticos de Nosso Território", pg. 49, e *La Revolución y la Geopolítica de Integración Nacional*, *Estratégia*, Nº 1 (março-abril de 1973), pgs. 65-66.
52. *Uma Geopolítica Pan-Amazônica*, pg. 93 e "Aspectos Geopolíticos de nosso Território", pg. 48. Nesta última fonte, Meira Mattos cita dados estatísticos de que o Brasil pode comportar mais de um bilhão de habitantes.
53. "O Poder Militar e a Política Internacional", *Revista Brasileira de Política Internacional*, Nºs 63-64, 2º semestre de 1973, pgs. 63-80. Ver também "Aspectos Geopolíticos de Nosso Território", pg. 49, Fontaine, pg. 82 e Schneider, pg. 252.
54. *Uma Geopolítica Pan-Amazônica*, pgs. 148 e 166. Ver também "Quociente de continentalidade", de Everardo Backheuser, que mede a relação das fronteiras terrestres com as marítimas. O resultado revela um "impulso interior" que é capaz de cortar o "cordão umbilical" da costa, pg. 161.
55. "La Revolución", pg. 67. Como o Brasil possui quantidade insuficiente de petróleo, Meira Mattos menciona a necessidade de energia e tecnologia nuclear, utilizada para fins pacíficos. Ver *Brasil — Geopolítica e Destino*, pgs. 89-99, e *Uma Geopolítica Pan-Amazônica*, pg. 141.
56. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pg. 15.
57. *Uma Geopolítica Pan-Amazônica*, pgs. 126 e 131-132. Contrariando muitos geopolíticos, incluindo Mackinder, Haushofer, Tams e outros, que julgam ser a bacia do Pacífico a futura zona estratégica do mundo, Meira Mattos parece mais interessado nos passos andinos ou "nudos" não como passagens para o Pacífico mas como elos de desenvolvimento entre centros de população andina e o Amazonas.
58. *Uma Geopolítica Pan-Amazônica*, pg. 169.
59. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pg. 92, e também *Uma Geopolítica Pan-Americana*, pg. 134.
60. *Uma Geopolítica Pan-Amazônica*, pg. 139. A tradicional política exterior brasileira tem sido buscar harmonia com os vizinhos e, embora as fronteiras se tenham expandido vigorosamente para o oeste e para o norte nos últimos séculos, o Brasil atualmente não enfrenta controvérsia fronteiriça com qualquer vizinho — um fato inusitado na América Latina de hoje. Meira Mattos provavelmente nesta passagem se refere

à tentativa da Venezuela, no início da década de 70, para isolar o Brasil do mundo de idioma espanhol. A habilidade da diplomacia brasileira e os reveses dos Estados Unidos na América Central inverteram esta tendência e reuniram as nações da Amazônia, inclusive a Venezuela, no Pacto Amazônico, visando ao desenvolvimento conjunto da bacia e assinado em 1978. Ver Robert D. Bond, "Venezuela, Brazil and the Amazon Basin", *Orbis* (outono de 1978), pgs. 635-650.

61. *Uma Geopolítica Pan-Amazônica*, pgs. 22 e 136-137; *A Geopolítica e as Projeções do Poder*, pgs. 143-144.

62. *Uma Geopolítica Pan-Amazônica*, especialmente pgs. 141-158.

63. Iniciado pelo Brasil, o Tratado prevê a livre navegação dos rios da bacia amazônica, a coordenação das redes de comunicações e de transportes, a proteção da flora e da fauna, a promoção de pesquisas científicas e tecnológicas, a utilização racional dos recursos hidráulicos da região e a melhoria das condições de saúde e de turismo. O Pacto não é um empreendimento integrado e não tem em vista uma organização superna-

cional nem projetos de desenvolvimento transnacionais.

64. *Uma Geopolítica Pan-Amazônica*, pgs. 161-167 e também 146 e 175.

65. De fato, Toynbee fornece uma avaliação negativa de desafio-resposta da selva brasileira, quando declara: "O setor equatorial (do Brasil, incluindo a bacia amazônica) não é estimulante, mas francamente repousoante, e a área de clima ótimo — no sentido da área em que o desafio do ambiente físico provoca a resposta humana mais eficaz (para a borda atlântica da América do Sul) começa ao sul do paralelo de 20°S e está mais próxima de suas condições ótimas nas vizinhanças do Rio da Prata do que nas do Trópico de Capricórnio." *A Study of History*, Volume II (Londres: Oxford University Press, 1934), pgs. 296-297.

66. Para uma compreensiva visão geral dos debates relativos ao desenvolvimento amazônico, ver o artigo de A. R. Gross "Getting to the Frontiers: Recent books on the Development of the Brazilian Amazon", *The Journal of Development Studies*, Vol. 16 (outubro de 1979), pgs. 99-112.

*Philip L. Kelly é professor da Emporia State University, Emporia, Kansas, EUA. O tema deste artigo, traduzido do inglês pelo General Heitor A. Herrera, foi objeto de um Painel Especial durante o "Meeting of the Western Social Science Association", realizado de 22 a 24 de abril de 1982. Participaram do encontro, além do Professor Kelly, os seguintes cientistas sociais:*

*Professor Edward J. Williams, U. S. Army War College, Carlisle, PA., e da University of Arizona*

*Professor Rodolfo O. de la Garza, University of Texas, Austin*

*Professor Charles Davis, University of Kentucky*

*Professor Gary Mounce, Pan American University*

*Professor Jack Corbett, Southwest Texas State University.*